

Desafios familiares na contemporaneidade: a comunicação entre adolescentes e seus pais em uma cidade no interior do Pará

Contemporary family challenges: communication between teenagers and their parents in a city in the interior of Pará

Desafíos de la familia contemporánea: la comunicación entre los adolescentes y sus padres en una ciudad del interior de Pará

Recebido: 30/12/2022 | Revisado: 10/01/2023 | Aceitado: 11/01/2023 | Publicado: 13/01/2023

Maria Elane de Oliveira Dias Aires

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9006-8708>

Universidade Luterana do Brasil, Brasil

E-mail: elaneairespsi@gmail.com

André Guirland Vieira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9098-6253>

Universidade Luterana do Brasil, Brasil

E-mail: andre.vieira@ulbra.br

Dóris Cristina Gedrat

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5660-1775>

Universidade Luterana do Brasil, Brasil

E-mail: doris.gedrat@ulbra.br

Brenda Oliveira Dias Correia

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5196-6997>

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Brasil

E-mail: 94bcorreia@gmail.com

Ingrid Brito Rodrigues

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7451-742X>

Universidade da Amazonia, Brasil

E-mail: ingrid10.brito@gmail.com

Resumo

A sociedade está em processo de constante transformação e, da mesma forma, os desafios apresentados aos jovens. Não se pode negar que diferentes fatores vêm provocando mudanças no modo de funcionamento das famílias, porém, valores tais como a importância dos relacionamentos, ainda são destacados como insubstituíveis. Assim, a questão levantada por este artigo visa identificar alguns dos desafios enfrentados pelas famílias, sobretudo relacionados à comunicação entre pais e filhos adolescentes. Será que os adolescentes de hoje são muito diferentes daqueles das gerações anteriores, principalmente em relação à comunicação estabelecida com seus pais? Ao buscar delinear os obstáculos identificados neste processo, é possível propiciar um olhar mais reflexivo sobre os atuais relacionamentos estabelecidos entre as diferentes gerações na família. Trata-se de uma pesquisa de revisão bibliográfica, qualitativa, e que utilizou como instrumento para coleta de dados o método de investigação de grupos focais, uma técnica derivada das entrevistas grupais, que coleta informações por meio das interações. Participaram da pesquisa 6 adolescentes com idades entre 15 e 17 anos. As entrevistas foram transcritas e analisadas pelo método de conteúdo de Laurence Bardin. Os resultados apontaram para a importância da comunicação estabelecida entre pais e filhos no fortalecimento dos vínculos afetivos, enfatizando fatores que dificultam ou facilitam a comunicação, tal como a necessidade dos adolescentes de perceberem uma abertura maior dos pais para escutá-los e compreendê-los em suas demandas.

Palavras-chave: Família; Adolescência; Comunicação; Diferenças de gerações.

Abstrac

Society is in a process of constant transformation and, likewise, the challenges presented to young people. It cannot be denied that different factors have been causing changes in the way families function, however, values such as the importance of relationships are still highlighted as irreplaceable. Thus, the question raised by this article aims to identify some of the challenges faced by families, especially related to communication between parents and adolescent children. Could it be that today's teenagers are very different from those of previous generations, especially in relation to the communication established with their parents? By seeking to outline the obstacles identified in this process, it is possible to provide a more reflective look at the current relationships established between the different generations in the family. This is a qualitative bibliographical review research that used the focus group investigation method as an instrument for data collection, a technique derived from group interviews,

which collects information through interactions. Six teenagers between the ages of 15 and 17 participated in the research. The interviews were transcribed and analyzed using the Laurence Bardin content method. The results pointed to the importance of communication established between parents and children in strengthening affective bonds, emphasizing factors that hinder or facilitate communication, such as the need for adolescents to perceive a greater openness on the part of parents to listen to and understand them in your demands.

Keywords: Family; Adolescence; Communication; Generational differences.

Resumen

La sociedad se encuentra en un proceso de constante transformación y, así mismo, los retos que se le presentan a los jóvenes. No se puede negar que diferentes factores han ido provocando cambios en el funcionamiento de las familias, sin embargo, valores como la importancia de las relaciones aún se destacan como insustituibles. Por lo tanto, la pregunta que plantea este artículo tiene como objetivo identificar algunos de los desafíos que enfrentan las familias, especialmente relacionados con la comunicación entre padres e hijos adolescentes. ¿Será que los adolescentes de hoy son muy diferentes a los de generaciones anteriores, especialmente en relación a la comunicación que establecen con sus padres? Al buscar delinear los obstáculos identificados en este proceso, es posible brindar una mirada más reflexiva sobre las relaciones actuales que se establecen entre las distintas generaciones en la familia. Se trata de una investigación cualitativa de revisión bibliográfica que utilizó como instrumento de recolección de datos el método de investigación de grupos focales, técnica derivada de entrevistas grupales, que recolecta información a través de interacciones. Seis adolescentes entre 15 y 17 años participaron en la investigación. Las entrevistas fueron transcritas y analizadas utilizando el método de contenido de Laurence Bardin. Los resultados señalaron la importancia de la comunicación que se establece entre padres e hijos en el fortalecimiento de los vínculos afectivos, destacando factores que dificultan o facilitan la comunicación, como la necesidad de que los adolescentes perciban una mayor apertura por parte de los padres para escucharlos y comprenderlos en su demandas.

Palabras clave: Familia; Adolescencia; Comunicación; Diferencias generacionales.

1. Introdução

Se existe um lugar onde as relações humanas acontecem de forma dinâmica, afetiva e com vínculos duradouros durante toda a vida, este lugar é o da família Araújo (2022). Sim, dinâmico devido às constantes transformações que têm permitido reconfigurações diversas no decorrer da história, diferentes do modelo tradicional que vigorou durante muitos séculos. Ainda que as famílias atuais tenham adotado configurações diferentes, continuam sendo o principal referencial de grupo social. E, como tal, também sujeito às vicissitudes dos relacionamentos humanos.

A pandemia da Covid-19 revelou muitas facetas de uma mesma moeda: o confinamento trouxe à luz alguns problemas de comunicação no contexto familiar, os quais não eram tão evidentes em decorrência da rotina exaustiva de muitas famílias (Rezende, 2022). Nesse contexto de isolamento social e alterações na rotina das famílias, a permanência em casa intensificou as relações familiares, revelando muitos problemas ignorados ou camuflados, favorecendo o aumento de conflitos entre pais, filhos e casais.

Assim, este estudo estabeleceu como objetivo geral delinear os obstáculos encontrados pelos adolescentes na construção de uma comunicação assertiva com seus pais, propiciar um olhar reflexivo sobre os relacionamentos familiares. Para isso, também foram estabelecidos três objetivos específicos: 1) Identificar os tipos de comunicação encontrados na família, demonstrando a forma como eles interferem nos relacionamentos entre pais e filhos de gerações diferentes; 2) Identificar fatores que facilitam ou que dificultam a comunicação entre pais e filhos adolescentes e; 3) Apresentar modelos mais assertivos de comunicação entre pais e filhos, demonstrando o quanto a boa comunicação entre pais e filhos podem ser eficaz no estabelecimento da harmonia familiar.

Ao abordar um tema de extrema importância na sociedade, enfocando as interrelações familiares entre pais e filhos adolescentes, este projeto de pesquisa apresenta-se como altamente relevante. Partindo da premissa de que, onde não há uma comunicação acolhedora e empática, dificilmente haverá confiança e interações saudáveis, espera-se que este estudo possibilite um olhar mais atento e reflexivo sobre o tema da comunicação entre pais e filho, e que possa contribuir no aumento dos estudos sobre o tema, favorecendo a compreensão sobre o tema em diferentes áreas de atuação, tais como escolas, igrejas, ONGs, varas de famílias, entre outras.

2. Metodologia

Esta pesquisa foi delineada a partir do método de investigação de grupos focais, uma técnica que consiste em elaboração de uma pesquisa qualitativa, derivada das entrevistas grupais, que coleta informações por meio das interações grupais (Morgan, 1998; Minayo, 2009). Dessa forma, proporcionará ao pesquisador a compreensão das normas sociais de um determinado grupo, bem como as diferentes perspectivas sobre um tópico, possibilitando um processo de partilha, troca, comparação e debate, promovendo assim uma experiência única entre os participantes.

A população amostra foi composta por 06 (seis) adolescentes, com idades variando entre 15 e 17 anos, estudantes do ensino médio de uma escola pública do município de Marabá/PA. A escolha por esta faixa etária deve-se à sua capacidade de expressão, de emissão de opiniões críticas e também por estarem em uma fase onde costumam estabelecer o seu lugar no mundo. Foi realizado 1 (um) encontro com o grupo, com duração de 2 horas, em local reservado nas dependências da própria escola dos adolescentes. O grupo focal foi gravado e transcrito. Além do grupo de adolescentes, o encontro também contou com a participação de 1 (um) moderador, 1 (um) facilitador e 1 (um) observador.

Para coleta de dados utilizou-se 4 temáticas para promover o debate no grupo: O primeiro tema: O que é ser adolescente na atualidade; Segundo tema: Quais os obstáculos que interferem na comunicação entre pais e filhos adolescentes? Terceiro tema: A privacidade do adolescente é respeitada pelos pais? Quarto tema: Quais atitudes dos pais interferem na comunicação e no acesso ao mundo do adolescente?

Na ocasião, também foi aplicado um questionário sociodemográfico. De acordo com Sizílio (2022), um questionário de dados sociodemográficos é uma ferramenta que permite coletar informações gerais sobre um grupo de pessoas. Esses dados incluem atributos como idade, sexo, local de residência, etnia, nível de escolaridade, renda e outras informações. O critério de inclusão utilizado foi o de adolescentes que moram com os pais biológicos. Foi solicitada uma verificação das fichas cadastrais dos alunos para averiguar as informações requeridas. Como critério de exclusão, optou-se pela não inclusão de adolescentes filhos de pais separados ou que não moram com pais biológicos.

Após a coleta de dados, realizou-se a análise das entrevistas pelo método de Conteúdo de Bardin (2014) cuja função primordial é o desvendar crítico. Esse tipo de apreciação dos dados objetiva a descoberta das relações existentes entre o conteúdo do discurso e os aspectos exteriores, o que permite a compreensão, a utilização e a aplicação de um determinado conteúdo. A técnica de pesquisa Análise de Conteúdo defendida por Bardin (2014) se estrutura em três fases: 1) pré-análise; 2) exploração do material, categorização ou codificação; 3) tratamento dos resultados, inferências e interpretação.

A pré-análise foi realizada em quatro etapas, a saber: leitura flutuante; escolha dos documentos; reformulações de objetivos e hipóteses e a formulação de indicadores (Bardin, 2014). Dessa forma, tomamos como instrumentos da leitura flutuante: a) os questionários realizados com os adolescentes que participaram b) As entrevistas realizadas com os sujeitos.

A exploração do material constitui a segunda etapa e consiste em explorar o material com definições de categorias (sistemas de codificação) e identificações de unidades de registro (unidades de significado a serem codificadas correspondem a unidades de fragmentos de conteúdo que são consideradas fundamentais, para classificação).

A terceira e última etapa envolve o processamento, raciocínio e interpretação dos resultados. Esta etapa foi projetada para pesquisar o significado da mensagem por ou em conjunto com a primeira mensagem. Este é um momento de intuição, reflexão e análise crítica.

Os sujeitos que aceitaram participar deste estudo foram informados sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta poderia lhes acarretar, na medida de sua compreensão e respeitados em suas singularidades os seus objetivos. Esta pesquisa seguiu todas as formalidades presentes nas resoluções 466/2012 e 510/2016. Os pais assinaram um termo de consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para que seus filhos pudessem participar do estudo. E os adolescentes assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).

Os participantes estavam cientes que poderiam desistir de sua participação na entrevista em qualquer momento, caso desejassem. Para uma melhor coleta de dados, foi solicitado a permissão para a gravação das entrevistas em áudio e vídeo, com a garantia do sigilo e anonimato.

O projeto foi protocolado no Comitê de Ética para ser avaliado de acordo com todos os princípios éticos e legislações vigentes de pesquisas que envolvem seres humanos.

Para a apresentação deste artigo, os entrevistados tiveram suas identidades protegidas, sendo nomeados como: participante 1; participante 2 e assim sucessivamente. O estudo foi cadastrado na Plataforma Brasil e aprovado sob o número 5.607.621 no Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Luterana do Brasil.

3. Resultados e Discussão

O grupo focal, é uma técnica qualitativa bastante interessante quando se busca a captação de dados de participantes de uma atividade, tais como percepção, sentimentos, ideias, etc., tornando possível a compreensão de processos emocionais e pontos de vista diversos numa circunstância de interação. Para Minayo (2009) é uma estratégia que pode e deve ser utilizada, sobretudo em conjunto com entrevistas individuais, quando se busca coletar dados e estudar um grupo de pessoas em um determinado contexto de ação.

Assim, o grupo de adolescentes (seis) foram reunidos numa das salas da própria escola onde estudam e o facilitador conduziu a atividade com o auxílio do moderador e do observador.

Para uma melhor compreensão e condução da atividade a atividade foi organizada a partir das seguintes categorias empíricas agrupadas a partir dos objetivos propostos na pesquisa: Estilos de Comunicação, Fatores Dificultadores da Comunicação e Fatores Facilitadores da Comunicação. Conforme pode-se analisar, foram identificados pelos adolescentes alguns fatores que dificultam a comunicação como os seus pais, a partir da forma como os pais se comunicam com eles. Foram apontados, entretanto, alguns caminhos que contribuem para uma comunicação assertiva e afetiva, voltadas para uma convivência harmoniosa e saudável entre pais e filhos.

3.1 Estilos de comunicação

Os recortes da entrevista transcritos a seguir evidenciam que, para a maioria dos adolescentes, a forma escolhida pelos pais para se comunicar com eles, pode fazer toda a diferença, principalmente quando o intuito dessa comunicação é permitir que os filhos se abram e revelem as questões que passam por sua cabeça. Para os pais, os adolescentes, muitas vezes, não têm maturidade o suficiente para decidir sobre temas mais complexos tais como a escolha de uma profissão, envolvimento afetivo, etc., motivo pelo qual continuam a exercer uma autoridade direcionadora do comportamento dos filhos. A forma como os pais buscam proteger os filhos, entretanto, ao invés de afastá-los dos perigos, podem colocá-los em uma circunstância de maior vulnerabilidade ainda, principalmente quando o estilo de comunicação adotada em família não permite contestação

Dentro desta categoria foram identificados 5(cinco) sub estilos de comunicação: comunicação de invasão de privacidade; comunicação crítica; comunicação punitiva; comunicação rígida e comunicação superficial.

3.1.1 Comunicação de Invasão de Privacidade

Neste contexto, abordou-se a importância da monitoria dos celulares dos filhos pelos pais, identificação de limites e respeito à privacidade dos adolescentes, além da necessidade do desenvolvimento de autorresponsabilidade de tempo de uso de telas e conteúdos consumidos.

Então, aí ninguém mexe nas minhas coisas, eu deixo tudo bagunçado, e o negócio do celular, como eu falava antigamente, ela pegava toda noite olhava pra ver se tinha alguma coisa que não era apto, só que hoje é liberado. Eu cuido do meu celular, eu vejo o que eu quero e eu tenho que saber também os prós e os contras também (né?) se eu tiver fazendo alguma coisa de errado. Eu sou bem respeitada nessa parte. (Participante 01)

3.1.2 Comunicação Crítica

A correção por meio dor física definitivamente não é uma opção para corrigir os filhos, no entanto, para evitar sermões intermináveis e cansativos, muitos adolescentes afirmam que é preferível uma surra que uma sessão de censuras críticas dos pais, onde o diálogo não existe e a comunicação tem sempre uma mão única, tal como colocado pela adolescente a seguir:

Já é horrível, porque a mãe nunca foi tipo de educar batendo. Sempre foi conversa, e pra mim o que é muito pior é conversa. (Participante 01)

Já com o meu pai ele é o mais crítico... (Participante 03)

Em se tratando de violência física, é possível deduzir pela fala da adolescente que, por pior que seja a dor física, ela é momentânea; já as palavras têm o poder e o peso que pode trazer o adolescente à tomada de consciência das consequências de suas ações, o que pode ser traduzido como uma atitude extremamente desconfortável, sobretudo quando os pais disparam seu arsenal de críticas, excesso de cobranças e/ou usam o método da punição como forma de demonstrar autoridade/controlar sobre os adolescentes. O que fica bastante evidente é que estes estilos de interação com os pais, na percepção dos adolescentes, são aqueles que mais interferem na comunicação entre os pais e filhos.

3.1.3 Comunicação Punitiva

Posso começar? É parte das atitudes dos meus pais... eh que, quando tira nota ruim na escola, eles sempre têm aquela vingança, entendeu? De querer tirar o celular do filho ou alguma coisa que ele goste muito. Aí meio que interfere a comunicação com os pais da minha parte. (Participante 02)

As tentativas dos pais de controlar os filhos adolescentes por meio das mesmas técnicas do behaviorismo de reforço positivo e reforço negativo, bastante eficaz na primeira infância, não parece surtir muito efeito nesta fase do desenvolvimento do indivíduo.

Sobretudo em um momento em que os adolescentes querem afirmar sua independência e sua capacidade de autodeterminação.

3.1.4 Comunicação Rígida

Sim, a média é 8, só que, tipo agora, tá mais tranquilo agora. Eles tipo viram que uma vez eu cheguei pra eles e falei que ficar me cobrando demais estava me fazendo mal; que eu botava na minha cabeça não pra mim agradar meus pais, eu tenho que fazer essa média por que, se eu não fizer essa média, não vou agradar eles... Isso estava me tirando a noite de sono. . . que outras e pensamentos e tudo mais... eh, me tirava a noite de sono e tudo mais e eu cheguei pra eles e falei que isso não tava me fazendo bem! Então, deixa eu mesmo estudar, como eu sei que passei e,

tipo, a minha nota eu vou tirar da forma que eu sou, for do jeito que for, mas a cobrança que talvez possa estar me atrapalhando! Aí, depois dessa conversa e tudo mais, melhorou, mas, tipo. . . eles não me cobram tanto em relação ao escolar por que eles sabem que eu procuro ter um método e tirar sempre as notas boas. (Participante 04)

Podemos perceber que por mais que avancemos em termos tecnológicos, algumas coisas permanecem iguais, como no caso do estilo de comunicação rígida que é carregada de autoritarismo e caracterizada por comportamentos excessivamente controladores, baseados em gritos, diálogos agressivos e repressão das emoções. A comunicação rígida, muitas vezes, acaba por promover o encapsulamento do adolescente em si mesmo, dificultando a expressão das emoções que podem interferir em muitas áreas da sua vida, inclusive no desempenho escolar.

Principalmente o meu pai. Ele é um pouco rígido, mas a minha mãe já é mais aberta pra conversar e tals. O meu pai pega mais no pé. (Participante 03)

Prestar atenção, ouvir as inspirações da vida, disponibilidade de tempo e qualidade nas relações estabelecidas com as pessoas, são coisas cada mais raras nos tempos atuais. A família, antes considerada um “porto seguro”, tem se tornado cada vez mais uma fonte de repressão, geradora de inseguranças. O excesso de individualismo, a correria e o cansaço do dia, tem afetado a forma como pais e filhos se comunicam. O momento em família, oportunidade para estabelecer diálogos efetivos e afetivos, passou a ser representar um ambiente de conversas superficiais. Onde não exista conexão e consistência nos relacionamentos, dificilmente haverá espaço para exposição de sentimentos, emoções, ideias ou outras coisas significativas.

3.1.5 Comunicação Superficial

Assim... No café da manhã lá em casa, a gente costuma dizer mais como foi a semana... tipo, não entra em assuntos mais profundos, sabe? A gente conversa mais o “por cima” do que a gente faz durante a semana. Ehhh, automático, tipo assim a gente começa um assunto e já está em outro aí vai pra outro aí a gente vê até passa a hora. (Participante 04)

Bauman (2004) já alertava para a fragilidade dos laços humanos na contemporaneidade. Para ele, as relações nos tempos pós-modernos são marcadas por certa “liquidez” das relações humanas, onde a solidez dos relacionamentos não mais se sustenta. As pessoas, mais preocupadas em sobreviver no mundo consumista, acabaram por transformar as relações em produto a ser consumido e descartado. Sobretudo diante do avanço da tecnologia e da virtualização dos relacionamentos. Nunca antes a humanidade foi tão superficial, tampouco tão encarcerada em seu próprio mundo, cada vez mais irreal. “Esta é uma época em que um filho é, acima de tudo, um objeto de consumo emocional” (Bauman, 2004, p. 28).

Os filhos, segundo o autor, estão cada vez mais imersos num universo onde as relações são pautadas pelo consumismo e eles são vistos como objetos que servem um propósito: seja por necessidade, desejo ou impulso. Talvez por esse motivo, as comunicações entre pais e filhos na contemporaneidade tenham pendido para focalizar a superficialidade das relações de consumo, seja ela educacional ou relacionada aos “custos” da existência.

3.1.6 fatores dificultadores da comunicação

Nesta categoria podemos perceber com maior clareza os obstáculos mais significativos que dificultam a comunicação entre os adolescentes e seus pais.

Muitos pais quando não consegue realizar os seus anseios acadêmicos, terminam transferindo para os filhos a responsabilidade de realizá-los. O que se tornam um peso para o adolescente, que na maioria das vezes tem sonhos distintos dos sonhos de seus pais, o que natural, estão em uma fase de descobertas, buscando seu lugar no mundo, para seguirem sua própria jornada de sonhos e realizações.

Minha mãe completou o ensino médio, só que ela quer que eu seja maior que ela. Eh... e eles põem a responsabilidade em mim, e às vezes, é chato. ÃÃ... é isso! Ele não reclama muito por causa que ele sabe que eu faço as coisas, mas, às vezes, eu não escuto eles! Isso é, eu acho uma coisa bem chata em mim quando eu não escuto ele. . . cai meio que o mundo, uma maré de azar em cima de mim. . . Assim: tipo, sai tudo dando errado! Mas é normal. Às vezes, briga; às vezes, tem a desavença. (Participante 02)

Muitos pais têm atitudes que provocam uma invalidação dos sentimentos dos adolescentes e isso explica porque muitos adolescentes têm dificuldades para se abrirem com os pais, contribuindo para que se tornem cada vez mais ensimesmados. Nas falas dos adolescentes, destacadas na amostragem, pode-se perceber nitidamente o quanto eles se preocupam com a opinião dos pais. É fundamental, pois, permitir que os filhos se expressem; que liberem suas emoções e possam encontrar um lugar dentro da família, na medida em que a posição infantil precisou ser abandonada.

A tua mãe consegue perceber quando você está passando por alguma dificuldade?

Ela te chama para conversar ou ela faz de conta que, esperando que você... (Pesquisadora)

É ela consegue perceber! Eu falo: “não, mãe! Não está acontecendo nada não, tá de boa...” (Participante 04)

E ela consegue te acessar? Ou ela desiste? (Pesquisadora) Não, percebe. Persiste, persiste e eu não solto. (Participante 04)

E quando você consegue soltar pra tua mãe? É algo? Como é que você percebe a reação dela? Como ela lida com aquilo que está ouvindo? Que você está contando pra ela. (Pesquisadora)

Ah, sim. . . tipo: eu e minha mãe, a gente tem uma conversa muito aberta! Desde novinha ela, tipo: ela sentava comigo e já me chamava para conversar e tudo mais pra, tipo, me mostrar que eu poderia ser um ponto de acesso. Eh. . . na verdade, ela poderia ser um ponto de acesso quando eu estivesse necessitando. Só que, querendo ou não, a gente tem meio que aquela dificuldade de assim... chegar. . . mesmo que você tenha a sua mãe ali, sabe. . . que você sabe que pode chegar nela e conversar. . . aqui, talvez, ela possa. . . (Participante 04)

Já é horrível, porque a mãe nunca foi, tipo, de educar batendo. Sempre foi conversa, e pra mim o que é muito pior é conversa. (Participante 01)

. . . te acolher, pra cuidar. . . talvez possa fazer, tipo, uma cara assim que está te julgando, mas vai estar lá pra te ajudar. . . todas as vezes tem aquele “receiozinho” de chegar pra conversar, com medo de não ser a reação que você espera, né? Mas a gente tem uma (né?) ... quando eu sento pra conversar com esse assunto assim eu vejo que ela me

ouve, né? Entende o que eu tô passando, mas, às vezes, também ela me questiona por que de tudo isso! (Participante 04)

E esse fato dela, às vezes, questionar pode ser (né?) um obstáculo pra que você consiga falar mais a respeito? (Pesquisadora)

Acredito que seja a gente não gosta muito de pergunta, né? Então pelo fato dela ficar perguntando... perguntando... aí, a gente acaba respondendo umas perguntas. Então faz com que a gente não, às vezes, não se abra para as conversas. (Participante 04)

Ai... é... lá em casa é tipo assim: durante o dia é... como quando o meu pai vai me buscar no trabalho, na escola... daí ele me pergunta como é que foi e tal... Ele sempre pergunta. Daí eu sempre falo: “foi bom, foi legal, foi um dia produtivo”. Só que, vamos supor - como a Cíntia falou -, de conversas assim... quando eu tô mal, eu não converso. Eu sempre conto pra mim mesmo, e nem com eles, nem com outras pessoas. Não falo nada abertamente. Acho que a mãe nunca me perguntou, chegou em mim e perguntou: “Carol, têm coisa?”. Eu... eu, tipo, “não!”. Eu nunca falei! Só que, às vezes, sim. Quando tô num dia mal, eu acabo falando tipo alguma coisa. . . do trabalho que me estressa. Aí eu chego e falo: “foi isso e isso!”. Ai acabo chorando pra eles. E eu me sinto é. . . tipo assim: eles me apoiam bastante, entendeu? Eles falam: “se não tiver legal, se não der certo, você sabe que pode sair!” E me apoiam. Só que, tipo... de sentimento... ou alguma coisa que eu estou sentindo, eu nunca falo. (Participante 01)

Eu acho que é mais um bloqueio mesmo! Assim, tipo, vamos supor: eles são tipo de um tempo que antigamente - não é que não existia isso -, é tipo assim, que eles não falavam isso abertamente. Aí, no caso, se eu vou contar algo que talvez eu penso que eles vão falar: “Ah isso é besteira” ... (entendeu?) então, acabo me privando disso e, pra outras pessoas, eu não gosto muito de ser aberta. Tipo: eu tenho que resolver do meu jeito mesmo, às vezes, aí eu conto pra alguém. . . tipo. . . ah, esse sentimento. Mas, eu sou mais fechada, como se em aspecto de sonho de construir objetivo, eu não conto pra ninguém. (Participante 04)

Eu nunca busquei conversar com meus pais a respeito de assuntos mais profundos pelo fato que eles (né?) - como a Carol falou - parece que, naquele tempo, ninguém... ele não tinha isso e não existia isso pra eles! E aí eu não busco pelo fato deles falarem: “ah porque tu o que tu está falando aí é besteira! Isso aí não acontece”. Esse é um problema que eu não busco falar com eles. Principalmente o meu pai. Minha mãe talvez entenda, mas meu pai, não. É isso! (Participante 02)

A adolescência é uma fase de muitas inconsistências e acessar o mundo do adolescente não é uma tarefa fácil. Quando os adolescentes estão com algum tipo de problema, na maioria das vezes, não buscam a ajuda dos pais. Os pais, na maior parte das vezes, são encarados como uma última opção. Os adolescentes que participaram do grupo focal deixam claro o quanto é difícil travarem um diálogo com os pais por temerem ser julgados ao invés de acolhidos.

Sobre a comunicação com os meus pais (né?), eu sou mais comunicativo com a minha mãe! Tudo que eu faço, na maioria das vezes, eu costumo falar pra ela, mas, não gosto muito de falar sobre os meus sentimentos. O que eu quero, só falo do meu futuro, do que eu quero fazer, mais sobre minhas notas. Assim... eu sou muito fechado! Não falo pra ela, mas quando ela descobre, ataca. Aí, com meu pai, é... eu não converso muito com ele! Pra mim, ele é próximo de mim, mas... Não sei. Mas... Não costumo muito conversar com ele. (Participante 05)

Muitos pais acabam estendendo a infância dos filhos por toda a fase da adolescência, tratando-os como ainda fossem crianças. É comum ouvimos de muitos pais que os filhos serão suas eternos crianças.

Os dois são protetores demais! Me tratam como criança ainda, como bebê, “meu filhinho” “vem cá meu nenê” (risos). (Participante 02)

Não se pode esquecer do abismo existente entre os adolescentes de hoje e os do passado recente. O abismo do ambiente cultural e das tecnologias digitais, o acesso às informações e a forma de se relacionar no ambiente virtual são fatores que não podem ser desconsiderados. Talvez este fato possa responder à pergunta que inúmeros pais se fazem: A de por que não conseguem entender os seus filhos e a sua maneira de enxergar a vida, já que até há bem pouco tempo eram eles os adolescentes que lutavam por se afirmarem na sociedade. O temor dos filhos em dialogar com seus pais e não serem compreendidos também se reflete no discurso que aponta para uma lacuna enorme entre as duas gerações.

Guardo muita coisa pra mim. Em questão de sentimento também. Se eu vejo o que acontece no meu dia a dia, eu consigo contar boa parte, mas tem muita coisa que eu ainda guardo pra mim! Então, se eu for contar alguma coisa pra ele, ele é mais... vamos supor, que igual as meninas estavam falando. . . tipo: do tempo mais antigo e tal. . . e eles não têm muito aquela abertura, eles não me dão... ele não me dá abertura para conversar tanto... Não é nem só comigo, com meu irmão também! Ele não se sente é confortável pra se abrir com ele. (Participante 03)

Lá em casa, eu converso mais com a minha mãe! Meu pai é muito difícil, mas eu prefiro ficar com as coisas, assim, prefiro ficar pra mim mesmo! eu sou muito fechada, eu não consigo conversar. Quando eu tento, não dá certo. Mas eu tento conversar bastante com a minha mãe. Às vezes, sim; às vezes não. Mas me fecho, sou igual a meu pai: é muito fechado. (Participante 06)

A figura materna aparece como sendo a mais acessível à comunicação, são elas as mais abertas para falarem de diversos assuntos, são as mães aquelas que se envolvem mais, prestam mais atenção ao cotidiano dos filhos. Já a figura paterna, é vista como fechada, de pouca conversa. Os pais são vistos como mais distantes dos filhos, menos acessível, cuja comunicação é mais difícil.

Todo mundo aqui já namorou? Já paquerou? Falar desse assunto com os pais é tranquilo? Ou é complicado? E tatuagem, quem aqui tem vontade de fazer e os pais não deixam? (Pesquisadora)

Eu tenho muita vontade, só que, eles, tipo, não apoiam muito. Só que ele falou, tipo assim, “quando você for maior de idade e tiver a tua casa, você faz”! Entendeu? É complicado. (Participante 01)

Meu pai falou: “Não vou te levar pra fazer!” Então, daí a mãe: “Óxe! Por que ela pode fazer e eu nunca nem fiz e tal?”. Minha mãe nunca fez e também tem vontade, mas eu vou fazer, vou fazer! (Participante 06)

Os adolescentes lutam por independência e identidade; já os pais, procuram, por todas as maneiras, continuar exercendo o controle sobre os filhos, alegando a necessidade de protegê-los dos perigos da vida. Os adolescentes de hoje almejam alcançar a confiança dos pais, pois desejam poder sair, se divertir e espera que os pais confiem mais neles; os pais, consideram os filhos ainda muito ingênuos e vulneráveis às maldades do mundo, motivo pelo qual argumentam que não se trata de não confiar nos próprios filhos, mas de não confiar na violência das ruas, à qual os filhos estão sujeitos.

Uma das coisas que eu sempre coloco isso na minha cabeça é a confiança! É... uma vez - Eu sempre falo isso pra ele, que eu nunca esqueci, eu tenho muito esse lado de não esquecer as coisas: se alguém fazer alguma coisa pra mim, eu sempre vou lembrar daquilo se eu não resolver com aquela pessoa – é... foi uma vez que eu falei assim: “Ah, mas foi mês passado, não sei se você vai lembrar, posso sair com tal pessoa e tal!”. Ai ele falou: “Não!”. Eu falei: “por que o senhor não confia em mim?”. Ai não ele falou: “Não. Eu não confio nem na rua o meu visto”. Ai eu comecei a jogar isso na cara dele” “Ah, se lembra aquele dia que você falou?” - “ahh, não eu não lembro disso não!” - brincando já, né? Porque ele viu que eu me senti ruim com essa frase dele. Ai eu acho que pra falar de coisas que limitam um pouco é a falta de confiança! Ai até depois disso ele começou a deixar mais eu sair com pessoas que ele via que tinha confiança e tudo mais, mas depois que eu conversei com ele sobre isso. (Participante 01)

Mas se tornou um bloqueio pra ti? (Pesquisadora)

Com meu pai mais, eu falei: “ah eu não gostei que o senhor falou isso, eu acho errado!” (Participante 01)

Não sei se é só os meus pais, mas eles têm uma mania muito chata de fazer comparação, tipo: você erra em algumas coisas, aí te comparam com o filho de outra pessoa. Isso eu acho que é algo que me bloqueia muito pra tentar me abrir com outras pessoas. Principalmente com eles! Eu não gosto de jeito nenhum das pessoas estarem me comparando com qualquer outra pessoa. [...] Acho um dos principais motivos das pessoas, tipo, dos adolescentes hoje em dia procurarem refúgio em outras pessoas, que não seja os pais. Eu acho que eles mesmos fazem com que a gente crie os bloqueios (né?), de tentar se abrir neles. . . Por isso a gente, às vezes, a gente acaba se refugiando em amigos... sei lá, as pessoas mais próximas da gente. (Participante 03)

Rapaz, se for, só tem uma que é sobre a questão da escola. . . Como se fala?

Como eles são muito rígidos em questão de notas, principalmente a minha mãe - como ela foi professora, ela é sempre presente em me ensinar (né?) - . Ai, assim... se eu tirar nota baixa, de 7 - que ela quer uma nota maior do que 7; 7ou 6 ela não aceita. Ela aceita só de vez em quando, no último caso. Mas, abaixo de 6, aí eu tô ralado! [...] Me sinto assim abalado, porque é difícil assim falar pra ela na cara. Sou mais de falar a minha nota assim pro meu pai porque ele não é muito de contar as coisas pra minha mãe! (Participante 05)

Fico, ôxe, também assim! Também tenho medo de falar com meu pai por causa que como meu pai é assim mais forte; que ele me bate, né? Ai é difícil! Ai tem que ficar, guardar as coisas pra mim até eu consertar a poeira, tentando melhorar, aí é complicado. . . (Participante 06)

A busca pela independência, muitas vezes, coloca os adolescentes em situações de perigo, principalmente devido à influência do grupo e à necessidade de vivenciar suas próprias experiências e fazer suas escolhas. Entretanto, valores sólidos familiares, aliados a um estilo de comunicação que valorize a opinião dos jovens dentro da família podem trazer resultados bem mais eficientes que a mera atitude de coerção, sentida pelo adolescente como uma opressão familiar.

3.1.7 fatores facilitadores da comunicação

Nesta categoria pode-se identificar os caminhos para uma comunicação efetiva entres pais e adolescentes. Mediante a análise das falas dos adolescentes, percebe-se que os vínculos que unem pais e filhos são bastante fortes e podem ser fortalecidos ainda mais, criando conexões mais estáveis, onde os adolescentes possam encontrar apoio familiar:

Lá em casa, tipo, eu passei por esse meu período, sai da minha fase de criança para adolescência e mudou a forma de comunicação. Eles, tipo, passaram a mostrar a realidade, que eu querendo ou não (né?)... ihh, tipo, eles começaram a me tratar tipo... me mostrar que eu era uma adolescente e que eu deveria saber, tipo, dos riscos que o mundo ia me oferecer a partir daquele momento. Porque, querendo ou não, eu saindo da fase de criança, eu ia vivenciar outras coisas. Eu não ia mais ficar só debaixo das asas deles. Então eles meio que me... eles, eles abriram. . . tiveram uma conversa comigo, abrindo os meus olhos. E sempre a gente tem um diálogo e tudo mais, mostrando que, saindo da minha fase de criança, eu ia vivenciar outras coisas na vida; ia ter, além de influências, essas coisas. E foi, tipo, pra eu saber lidar com esse medo... (Participante 04)

Não, ele não é distante! Eu não gosto de brincar comigo e com meu irmão! Ele é. Eu não sou assim; sou mais chegado com minha mãe. . . pra chegar e contar as coisas pra ela. Tudo que eu faço. Mas eu falo pra ela, eu converso muito com a minha mãe, que ela é presente comigo desde pequeno! (pigarro). (Participante 02)

Conforme apontado por Maldonado (1983), Aberastury; Knobel (1998) e Costa (2014), em um ambiente familiar acolhedor, livre de padrões rígidos e que possibilite o diálogo espontâneo, os adolescentes se sentem mais confiantes para falarem sobre os assuntos que mais o perturbam, conseguindo expressar seus temores, angústias e receios. Mas, para que se sintam encorajados a abordar assuntos mais desconfortáveis com os pais e familiares, é necessário que esta abertura seja conquistada e esta conquista passa, necessariamente, pelo respeito à privacidade e individualidade dos adolescentes.

A minha comunicação lá em casa, com minha família, assim... eu tenho muita abertura com a minha mãe pra falar qualquer coisa, mas eu, ainda assim, não consigo... (Participante 03)

Eu sempre tive a minha privacidade em questão de celular, quando eles pediram, foi só pra fazer uma ligação. Mas nunca foram de olhar o celular. Lá em casa e no quarto, quando ela chega, sempre grita. Eh: “Julia!” (risos). “Vem cá!”. eu sempre digo que sempre tive privacidade com meu celular. Tinha senha, tudo. Desde novinha, desde os 12. (Participante 06)

Eu sempre tive muita privacidade também. Eles respeitam muito o meu espaço, o meu celular. Às vezes, a mãe fala: “Emily, deixa eu ver o seu celular e tals!”. Daí eu falo: “Pega!”. Eu tipo, eu confio tanto nela que eu nem me importo! Não tem nada. Em relação ao meu quarto. . . meu pai também. Meu pai nem entra no meu quarto. A mãe às vezes entra, mas, às vezes, tá trancado! Sempre que eu tô lá eu tô trancada! Eu gosto muito de ficar sozinha! Aí, sempre bate pra ver o que eu tô fazendo! Aí, saio, mas também só pra isso. (Participante 03)

Antes o lugar mais íntimo de uma pessoa era o seu quarto; hoje é o celular. Conforme apontado por Wagner et al. (2005) e Neumann e Missel (2019), o adolescente, ao buscar defender a sua individualidade nos tempos atuais, tende a se isolar ainda mais: se antes a sua intimidade era preservada entre as quatro paredes de seu próprio quarto, hoje em dia já não bastam as paredes físicas: o mundo virtual tornou-se um refúgio utilizado não apenas para manter a sua individualidade dentro da família, mas também para manter-se a salvo de si mesmo e das experiências frustrantes do cotidiano. Seja através do videogame, ou do ambiente virtual, os adolescentes tornaram-se cada vez mais distantes da realidade que os cercam.

Para facilitar o contato com os adolescentes, os pais precisam estar atentos às necessidades dos filhos, compreender suas necessidades, mas nunca perder a conexão estabelecida dentro da família. A fase de contestação dos adolescentes é necessária para que aprendam a fazer as próprias escolhas e adquirir independência, entretanto, os adolescentes necessitam

também de poder continuar contando com a família como um “porto seguro”, um lugar onde as referências representem certa solidez de valores num universo inconstante. Permitir a livre expressão dos adolescentes não implica, necessariamente, em aceitar todas as suas demandas, tampouco abandoná-los à própria sorte!

3.1.8 O papel do afeto na comunicação familiar com adolescentes

Nesta categoria podemos perceber que alguns costumes familiares, por mais que o tempo passe, fazem parte da tradição de famílias que prezam pelo bem estar de seus membros, e investe em tempo de qualidade com as pessoas que amam.

A gente lá em casa. . . a gente costuma, tipo, todo o final de semana - que é um momento que meu pai tá em casa -, aí, tipo, no café da manhã a gente senta a família – tipo, lá em casa nós somos quatro, sou eu, meu irmão, meu pai e minha mãe - e aí a gente senta na mesa pra falar como foi a nossa semana, o que que aconteceu, alguma coisa que aconteceu durante a semana. . . Aquela conversa em família. É assim a nossa comunicação lá em casa! (Participante 04)

A importância da expressão e do reconhecimento dos afetos e sentimentos dentro das famílias é um dos aspectos mais enfatizados por Maldonado (1983) nas relações saudáveis estabelecidas entre pais e filhos, criando um clima de confiança onde as pessoas encontram um espaço de acolhida. Sentir que faz parte de um grupo onde é genuinamente aceito, respeitado e escutado faz com que os vínculos entre as pessoas sejam fortalecidos, favorecendo e estimulando a comunicação e a compreensão mútua entre pais e filhos.

Neumann e Missel (2019) apontam que muitas famílias têm substituído as manifestações de afeto, tais como o abraço, o “olho no olho” e o convívio diário pelas mensagens virtuais via celular. O Whatsapp, ao mesmo tempo em que aproximam pessoas distantes, afastam as próximas. E este afastamento pode interferir de forma devastadora na comunicação entre pais e filhos, principalmente adolescentes que já tendem ao afastamento. O tempo perdido no uso das novas tecnologias têm sido, inclusive, uma fonte de conflito dentro das famílias.

Os adolescentes têm acesso a todas as informações nos seus celulares e sabem de tudo em tempo real, são ágeis, curiosos, informados e dominam a tecnologia. Mesmo assim, ainda existem as dificuldades do diálogo, um isolamento paradoxal em meio a tantas redes de contatos (Neumann & Missel, 2019, p. 83, apud Eisenstein & Estefenon, 2011).

Entretanto, Wagner et al. (2010) também apontam a utilização das novas tecnologias como uma fonte de fortalecimento dos laços afetivos entre as gerações, sobretudo as mais afastadas, na medida em que é comum nos dias atuais ver os mais jovens ensinando aos mais velhos, principalmente os avós, como utilizar aplicativos e outros recursos do mundo digital.

Ramos (2019), em um estudo relacionando o uso de álcool e drogas na adolescência, aponta a fragilidade ou ausência dos vínculos afetivos familiares como principal fator de vulnerabilidade dos adolescentes. As demonstrações de afeto em família podem surtir um efeito muito mais eficaz na proteção dos adolescentes que um sermão autoritário sobre os malefícios do uso de drogas e suas consequências.

A autora ainda destaca outros estudos que enfatizam os vínculos afetivos estabelecidos ainda na infância como um fator altamente responsável pelo desenvolvimento do sistema nervoso central e favoráveis às funções cognitivas e emocionais. Assim, o adolescente que cresce em um ambiente que estimule os laços afetivos entre seus membros estará mais preparado para lidar com as situações adversas da sociedade, ao contrário do jovem que tenha estabelecido vínculos mais frágeis ou tenha crescido em um lar onde estes laços são quase inexistentes.

4. Considerações Finais

Conforme observado nos fragmentos destacados dos discursos dos participantes do grupo focal, é possível afirmar que a comunicação entre pais e filhos adolescentes é um processo gradual em constante construção, que se inicia na mais tenra infância e se prolonga durante toda a vida do indivíduo. A adolescência é apenas uma fase do desenvolvimento humano, com algumas características que questionam e colocam em xeque o modelo de comunicação familiar.

Foram identificados cinco tipos de comunicação encontrados no ambiente familiar: a comunicação pautada pela invasão da privacidade, a comunicação crítica, a punitiva, a rígida e a superficial. No primeiro caso, embora a maior parte dos adolescentes tenham enfatizado o respeito à sua individualidade, não se descartou a monitoria dos celulares, promovidas pelos pais como forma de controle sobre o que os filhos andam fazendo fora e dentro de casa. No caso do estilo baseado nas críticas ou punição, é possível deduzir que os adolescentes percebem as cobranças e os “sermões” como piores que uma punição física e a comunicação baseada na punição como uma forma coercitiva que só os afastam, cada vez mais, de seus pais, na medida em que não se veem mais como crianças e buscam independência e autodeterminação. A comunicação rígida também é destacada no discurso de alguns adolescentes como um fator que dificulta a interação com os pais, aumentando o isolamento do adolescente e o afastamento de seus pais. Já alguns adolescentes apontam a superficialidade do contato com seus pais, que utilizam uma forma de comunicação familiar que evita o confronto, mas não exerce muita influência no fortalecimento dos vínculos afetivos que possibilitem a confiança mútua.

Dentre os fatores que dificultam a comunicação entre os pais e os filhos adolescentes, as atitudes de desconsideração pelas opiniões e sentimentos dos mais jovens é apontada como um dos fatores que mais dificultam a interação com os pais. Para os adolescentes, o receio de serem julgados é um dos motivos mais apontados para evitar expressar o que pensam ou sentem. Além disso, a proteção excessiva dos pais, que muitas vezes tratam os filhos adolescentes como eternas crianças, tendem a aumentar ainda mais a distância entre o que os adolescentes necessitam e o que encontram dentro da família, sobretudo em assuntos relacionados à independência e à sexualidade. A figura materna é apontada mais frequentemente como mais acessível ao diálogo e a figura paterna como a mais difícil de estabelecer uma comunicação mais aberta. Já os fatores facilitadores da comunicação, embora menos evidente na fala dos adolescentes, apontam para os vínculos afetivos estabelecidos dentro da família, principalmente com os pais. Por mais que a família seja refratária à reflexão de temas mais polêmicos e complexos, ainda é na família que os adolescentes encontram um “porto seguro” e suas referências.

Para que a comunicação entre pais e filhos sejam mais eficientes e eficazes no estabelecimento da harmonia familiar, é necessário que a família, sobretudo os pais, reconheçam as necessidades próprias da fase da adolescência, tais como: a emergência da sexualidade, da necessidade de estabelecimento de um certo afastamento dos pais para a construção da própria identidade e independência. O questionamento dos valores, crenças e cultura familiar, associado à atitude de se desvencilhar e se afastar dos pais - comportamento tão comumente observado nos adolescentes -, ao contrário de representar uma atitude de hostilidade contra os pais, a família e a sociedade, deve ser encarado como necessário e saudável em sua busca pela própria identidade, fundamental no fortalecimento de sua autoestima e autoconfiança para lidar com as adversidades da vida.

Este estudo considera que foram abordados todos os objetivos elencados inicialmente, auxiliando no aumento de futuras pesquisas sobre o tema. Como sugestão, destaca-se a falta de elementos referentes ao ponto de vista dos pais, na medida em que apenas a perspectiva dos filhos adolescentes foi tomada como referência neste estudo, o que revela uma certa limitação dos resultados, que poderiam ser melhor explorados em estudos futuros.

Agradecimentos

Agradecemos a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização e sucesso deste artigo.

Referências

- Aberastury, A., & knobel, M. (1988). *Adolescência Normal: Um enfoque psicanalítico*. Artes Médicas.
- Acosta, A., & Vitale, M. A. F. (org.). (2021). *Família: Redes, Laços e Políticas Públicas*. Cortez.
- Araujo, L. S. (2022). Afeto e cognição na escolha docente pela Educação Especial: a metamorfose do professor especialista. *Dialética*.
- Ariès, P. (1986). *História social da criança e da família*. Tradução: Dora Flaksman. (2a ed.), Guanabara.
- Bardin, L. (2014). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Bauman, Z. (2004). *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Zahar.
- Universidade Federal do Paraná. (2010). *Programa de Desenvolvimento Educacional: reflexões sobre o enfrentamento da indisciplina entre jovens, adolescentes, alunos matriculados no ensino fundamental*. http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pdebusca/producoes_pde/2010/2010_ufpr_ped_pdp_marialva_do_rocio_bedene.pdf
- Berger, K. S. (2016). *Desenvolvimento da Pessoa: do nascimento à terceira idade*. LTC.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (2.ed.), Artmed.
- Corrêa, L. M. S. (2019). Emancipação feminina na sociedade contemporânea: reflexões sobre o papel formativo da mulher na família. *Dissertação Mestrado em Psicologia. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO*, Brasil. <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/9454>
- Costa, L. F. (2010). A Perspectiva sistêmica para a clínica da família. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(1), p. 95-104.
- Dias, V. C. (2015). Morando na rede: novos modos de constituição de subjetividades de adolescentes nas redes sociais. *Tese Doutorado em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG*, Brasil. http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Psicologia_SouzaJM_1r.pdf
- Drummond, M. C. C. (1998). Drummond F., H. C. *Drogas: a busca de respostas*. Loyola.
- Eisenstein, E., & Estefenon, S. B. (2011). Geração digital: Riscos das novas tecnologias para crianças e adolescentes. *Revista Hospital Universitário Pedro Ernesto*, 10(2), 42-52.
- Erikson, E. (1968). *Identidade: Juventude e crise*. Norton & Company.
- Ferreira, M., & Nelas, P. B. (2016). Adolescências. Adolescentes. *Millenium - Jornal de Educação, Tecnologias e Saúde*, 32(11), 141-162.
- Fleming, M. (1997). *Adolescência e autonomia: O desenvolvimento psicológico e a relação com os pais* (2.ed.), Edições Afrontamento.
- Foucault, M. (1999). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Vozes.
- Levisky, D. L. (1998). *Adolescência: reflexões psicanalíticas* (2a ed.), Casa do Psicólogo.
- Maluf, A. C. R. F. D. (2010). *Novas modalidades de família na pós modernidade*. Atlas.
- Maldonado, M. T. (1983). *Comunicação entre pais e filhos: a linguagem do sentir* (4a ed.), Vozes.
- Minayo, M. C. S. (org.). (2009). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Vozes.
- Morgado, L. V., et al. (2014). Ciclo vital da família: A comunicação entre pais e filhos na fase adolescente. In: *Congresso Internacional de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento, Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento Social*, 3(2), http://www.unitau.br/files/arquivos/category_154/MPB1488_1427286040.pdf
- Morgan, D. L, Morgan, D. L, David, M., & Krueger, R. A. (1998). *O guia do grupo focal*. Sábio.
- Muuss, R. (1976). *Teorias da Adolescência*. Belo Horizonte. Interlivros.
- Neumann, D. M. C., & Missel, R. J. *Família Digital: A influência da tecnologia nas relações entre pais e filhos adolescentes*. *Pensando Famílias*, 23(2), p. 75-91.
- Portugal, A. M., et al. (2003). *O porão da família, Ensaios de Psicanálise*. Casa do Psicólogo.
- Ramos, F. S. (2019). A Relação entre o vínculo afetivo familiar e uso de álcool e drogas na infância e na adolescência. *Caderno de Direito da Criança e do Adolescente*, 1(1), <https://revistas.direitosbc.br/index.php/DCA/article/view/993/825>
- Silva, C. M., Silva, V. de P. C., Ventura, R., & Amâncio, N. de F. G. (2022). Covid-19 e suas implicações no aspecto biopsicossocial do idoso: qual o preço da pandemia para a população idosa? *Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento*, 12 (1), e0912139191. <https://doi.org/10.33448/rsd-v12i1.39191>
- Rosenberg, M. B. (2006). *Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais*. Ágora.
- Santrock, J. W. (2016). *Adolescência*. AMGH Editora.
- Santiago, A. L. O saber do jovem. In: *Revista Curinga. Escola Brasileira de Psicanálise*, 42(1), 29-43.

Sizilio, A. (2022). Características associadas à postura centrada no paciente em egressos de medicina. *Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, Brasil.* <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5169/tde-04052022-142357/pt-br.php>

Stengel, M., et al. (2018). Geração, família e juventude na era virtual. *Psicologia em Revista*, 24(2), 424-441.

Wagner, A., et al. (2005). Estratégias de comunicação familiar: a perspectiva dos filhos adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(2), 277-282.